

VOZ DE ANTAS

S. PAIO DE ANTAS
= ESPOSENDE =

ANO I N.º 12
NOVEMBRO DE 1958

Composição e impressão:
Escola Tipog. da Oficina de S. José
= BRAGA =

CARTA PARA MUITO LONGE...

Meu saudoso Paizinho:

Em primeiro de tudo, desejo que esta minha simples cartinha o vá encontrar de perfeita e feliz saúde, na companhia de todos os seus amigos, que eu e a mãezinha, ao fazer desta, ficamos bem, graças a Deus.

Paizinho, deve estar admirado por eu já saber escrever, mas é porque não pensa que você já está aí nessa terra há alguns anos e nesses anos eu aprendi a notar cartas.

Tenho-lhe a dizer que nós temos muitas saudades de si. A mãezinha anda sempre de negro, como se fosse morte de gente, e eu topo-me muitas vezes, triste e sozinho a pensar no meu pai que está tão longe. É porque a mãe conta-me que alguns homens vão para essas terras e nunca mais voltam a S. Paio. Uns, porque não têm sorte, outros, porque (diz a mãezinha) que não têm juízo. E eu tenho tanto medo de vir a ser um desses meninos tristes e infelizes cujo Pai está perdido para além dos mares, sem se lembrar que cá, em S. Paio, estão filhinhos a passar fome e uma mulher vestida de negro à espera dele. Eu tenho medo, mas também tenho muita alegria, porque o meu Pai, graças a Deus e à Senhora das Vitórias, não é assim. Temos recebido as suas cartas que nos dão tanto contentamento que, ao lê-las, até parece que o estamos a ver. Agora vou contar ao Paizinho algumas novidades desta nossa querida terra. Não lhe conto dos negócios da nossa casa, que desses lhe contará a mãe, mas digo-lhe notícias da nossa freguesia.

Em primeiro lugar, afirmo-lhe que a festa da Senhora das Vitórias foi uma festa das grandes e das bonitas. Música, iluminações, bandeiras e tantos foguetes, que eu até tive a tentação de ir apagar alguns. Só não fui, porque a mãe podia saber e ela diz que tem de me dar educação.

Mas o mais bonito da festa, foi dentro da nossa Igreja. Ela agora está tão linda que é um encanto. Tem um telhado todo novo que se vê de muitas freguesias em redor. E por dentro?

Isso nem se fala; parece um brinquinho. Tem um «soalho» todo novo, feito de uns quadrinhos de duas cores, que até dá gosto olhar para ele; tem uns altares de uma madeira vermelha, que até parecem duma igreja da cidade.

Dentro da nossa Igreja, assim linda e arranjada, houve: sermões, confissões Missas cantadas e comunhões.

Eu e a mãezinha comungamos juntinhos um do outro por si. E muita mais gente comungou; só tivemos pena que o Paizinho não estivesse para receber connosco, o Senhor. E a procissão? Nunca se viu coisa assim. A Senhora das Vitórias ia no seu andor tão linda e tão linda... que até fazia estremecer e vir as lágrimas aos olhos.

Quanto me lembrei do Paizinho, nesse dia...

Além desta houve, ainda mais festas. A de Santa Tecla também foi muito bonita, a pro-

cessão foi tão boa como a outra e levava muitos anjinhos, mas não metia muita vista porque, pelo meio, iam muitos homens e mulheres grandes e segurar nelés. Também havia para lá uns jogos e parece que o Senhor Reitor não gostava muito.

Ainda comungamos pelo Pai na festa de Cristo-Rei e todos os dias em Novembro, temos ido ao mês do Rosário e das Almas rezar por si e pelo eterno descanso dos avós. Tem rezado todos os dias o Terço de Nossa Senhora? Não se esqueça disso, porque o Senhor Reitor diz que Ela ajuda muito a quem rezar o Terço todos os dias.

Paizinho, não lhe sou mais massador. Só lhe peço que, para o Natal, nos escreva depressa, para
(Continua na 4.ª página)

*Amai a Família. É nela
Que está raiz e pendão;
— Qual serás para a Família,
Tal serás para a Nação.*

*Primeiro, amai vossa Pátria;
As mais, depois, vez e hora;
No altar acendem-se as velas,
— Mas de dentro para fora.*

*Homem-Bom, bom Português,
Bom Cristão: eis o preciso
Para fazermos no mundo
Todo o bem que há de ser feito.*

(Roteiro da Gente Moça)

ANTÓNIO CORRÊA D'OLIVEIRA

Andam feiticeiras na Caixa d'Água

Vocês lembram-se do tio Igrejas? Claro que lembram. Homem forte, calça de lona a reluzir, camisa de estopa aos domingos a cheirar a lavado. Era duro como um sobreiro. Barulho em que ele entrasse era assunto resolvido. Com três murros à direita e à esquerda, ficava tudo destroçado. Era capaz de esmigalhar os queixos ao brutamente mais valente da freguesia. No fim, a primeira loja que encontrasse tinha mais um freguês. Era uma devoção que nunca dispensava. «Para ganhar peito» — dizia. E a verdade é que as três malgas que emborcava sem pestanejar, deram-lhe um peito como não havia outro nas redondezas.

Era de S. Claudio, da banda de lá dos pinheiros. Rapaz novo (naquele tempo era ele rapaz novo) foi um dia à festa de S. Lourenço. Havia música de fora e pregador afamado. O Igrejas fez a risca no cabelo (uma risca ao meio da cabeça, às curvas e sem direcção fixa que o Igrejas tinha pouca prática nestas andanças), lavou as mãos com sabonete, pôs um cravo vermelho numa casa da camisa de estopa, e lá anda ele, todo gaiteiro, para que as moças vejam que ele também se sabe apresentar.

Mesmo junto da capela, estavam as mulheres a vender peras. À beira da porta, uma moça, com um cesto delas, de criar água na boca. Grandes, côradas de maduras, o Igrejas não resistiu. E com uma nota de vinte na mão:

— A como são, menina?

Palavra puxa palavra, começaram a gostar um do outro e combinaram namoro. A rapariga era de S. Paio. Morava ao fundo do Azevedo, numa casa grande à beira do caminho.

E aos domingos pela força da tarde, quando o sol pousava sobre a aldeia, lá vinha o Igrejas até S. Paio. Ali por Vila Chã, Caixa d'Água, Costeira... havia sombras nos caminhos, era um instante. Veio e voltou muitas vezes. Os sítios era feitos mas ele deixava S. Paio ainda com sol. E depois o Igrejas era o Igrejas. Forte, duro como um sobreiro, mão pesada de pôr o toutiço em cacos ao mais valente.

Trazia sempre um grande marmeleiro que deixava atrás da casa das Almas. Medo? Não. Era uma questão de companhia. Um marmeleiro sempre é alguém e ele sentia-se menos só. Depois, bem o sabia, um fueiro daqueles nas suas mãos valia mais que um regimento de polícias.

* * *

Naquele domingo demorou-se mais que o costume. Houve reza à tarde e os dois lá foram que «namoro sem oração, não é de gente nem de cristão» (sem avô, Deus lhe perdoe).

Além disso a rapariga fazia anos e ele tinha-lhe trazido um chouriço de presente e uma cabaça de tinto, daquele que deixava pigarro na garganta. Foi uma reinação lá em casa. Todos comeram com vagar (a rapariga tinha ajeitado também uns pastéis de ovos e salsa) e a noite, sem pressa foi descendo. Lá fora, só se ouviam, vindos de longe, os cães a ladrar. De resto era um silêncio morno, sem orvalho, a cheirar à fartura dos milhos que pernoitavam nas eiras.

Passava das dez, quando o Igrejas, satisfeito, a arrotar a chouriço, se pôs a caminho. Ao passar ao cemitério benzeu-se. Não era medo. O sinal da Cruz é o sinal do cristão e um cristão não deve ter vergonha de se mostrar como é — pensou o Igrejas. E mais calmo, seguiu o seu caminho. Ouviram-se depois os tamancos, entaxados de fresco, a bater na calçada. Atrás da casa das Almas lá estava o marmeleiro. E o Igrejas sentiu-se outro. «Ora até que enfim encontro gente». Depois penetrou nas sombras e no peso da noite sem casas nem luzes às janelas da cozinha.

Ao passar nos portais de Filipe apertou sem querer o marmeleiro e olhou para dentro. Diz-se que uma vez o Zé da Fonte, com um carreto de milho... Cantigas! Que apareçam e vós haveis de ver o marmeleiro a monobrar. Galgou a costeira num credo. Atravessou bouças e bouças. Conhecia aqueles carreiros de cór. Ao aproximar-se da Caixa d'Água, o coração começou a bater-lhe como um desesperado a um portal. E' que havia uns sinais de luz lá adiante. Lembrava-se de ter ouvido umas histórias na Caixa d'Água, nos tempos de criança. E outra vez, sem querer, apertou o marmeleiro.

— Mau!

Começou depois a ouvir gargalhadas, vozes confusas, gente a afoutar. Ao lado sombras. Encheu-se de coragem, ergueu o pau, muito teso, a mostrá-lo em todo o comprimento, largura e altura e avançou.

Avançou e viu melhor. Eram feiticeiras a roçar mato. Esguedelhadas, vermelhas como tições, de cada enxadada que davam saíam labaredas de fogo. Parecia o inferno a arder. O Igrejas não esperou mais. Vira para trás, desata a correr, estatela-se contra uma parede com o pau enfiado entre as pernas, perde o chapéu, mais à frente estorcega um pé, já lhe rebentaram dois botões das calças e de repente, catrupuz! — estava numa poça de água, com os pés enterrados na lama. Ia a gritar, quando pressentiu que as feiticeiras vinham a correr atrás dele. Calou-se muito quetinho, com a água pelo pescoço, sem respirar. E as feiticeiras

(Continua na 3.ª página)

Mês de Novembro — Mês das Almas

A piedade dos nossos maiores consagrou este mês à oração pelos mortos, devoção que a Igreja aprovou e recomenda.

Durante este mês não esqueçamos os nossos mortos, com as nossas orações e preces e com a nossa fé, mais unida a Deus.

* * *

Passava pela praça um enterro muito solene, e atrás dum comprido préstito ia o féretro riquíssimo do defunto, arrastado por seis cavalos e seguido por uma interminável fileira de coches. Vendo então um desgraçado todo aquele aparato encheu-se de inveja e exclamou:

— Que luxo! Assim já vale a pena morrer.

Riram-se dele, como era natural, quantos ouviram; porque de facto, que importava ao morto ser arrastado por seis cavalos ou levado pobremente ao cemitério? E se, por infelicidade, morreu em pecado mortal e se condenou, horrível contraste formaria o cadáver pomposamente conduzido à sepultura, e a alma arrebatada pelos demónios ao fundo do inferno. Que importa, pois, meu filho, que te enterrem sem luxo nem ruído e envolto só numa pobre mortalha, com tanto que a tua alma mereça ser levada em mãos dos anjos ao céu? Aqui está todo o ponto da verdadeira honra e felicidade, e por isso é mister assegurar muito bem a passagem desta vida mortal à eterna.

Não façamos, pois, muito caso das coisas presentes: bem ou mal, depressa passará esta vida. Procuremos ser bons e virtuosos a todo o transe, que isto é o que serve na hora da morte e já que esta vida mortal não dura mais que um momento, se se compara com a eternidade, não malbarateemos este tempo, brevíssimo e precioso, em diversões pecaminosas e ofensas a Deus, pois que não nos há concedido o Senhor a vida presente para que O ofendamos, senão para que O amemos e para que cumpramos a sua vontade, e assim logremos uma morte cristã, e, depois, o descanso e a glória para sempre. — (Migalhas de Doutrina)

ÓBITOS

Vasco Reinaldo da Costa Bastos, de um ano de idade, filho de Domingos Pereira de Barros e de Rosalina da Costa, faleceu a 24/10. Foi confirmado.

Maria Isabel Laranjeira Cachada, de um ano de idade, filha de Serafim Gomes Cachada e de Maria de Lurdes Gomes Laranjeira, faleceu a 9/11.

Júlia da Silva, de 68 anos, viúva de Manuel Rodrigues, de S. Paio de Cima, faleceu a 20/11.

Bodas de Prata da Acção Católica

Comemoraram-se na nossa terra os 25 anos de existência da Acção Católica em Portugal. No dia 15, à noite, houve Hora Santa prêgada; no dia 16, domingo, a primeira Missa foi acompanhada a cânticos e explicada, ao ofertório as crianças da catequese solenemente trouxeram as suas dádivas.

◆◆◆

Novena da Imaculada Conceição

No dia vinte e nove deste mês principia a novena preparatória para a festa da Imaculada. Assistamos todos os dias aos exercícios da novena para dignamente celebrarmos esta grande festa de Nossa Senhora Concebida sem pecado original.

◆◆◆

RECEBEMOS

Maria Cândida Santos Viana (Argentina)	50\$00
Anónimo (Argentina)	200\$00
Amândio Afonso Sampaio (Argentina)	100\$00
Aníbal Alves da Cruz	40\$00
António da Costa Maciel (Douro)	50\$00

A subscrição aberta pelo Albino Pereira de Sá (Angola) NATAL PARA TODOS, está em 550\$00 e o Natal aproxima-se.

«A caridade é a felicidade dos que dão e dos que recebem».

Andam feiticeiras na Caixa d'Água

(Continuação da 2.ª página)

passarem, vestidas de negro, com luzes, a gritar e a ameaçar. Depois as vozes foram seguindo pela noite, espantando os pinhais.

* * *

Soube-se ao outro dia que um grupo de mulheres de Vila Chã tinha encontrado um chapéu e um tamanco de homem, perto da Caixa d'Água, quando de noite, andava à procura de um lazarento gerico que fugira da casa paterna, depois de apanhar da dona uma carga de pau que lhe ia pondo os ossos ao sol.

NOTICIÁRIO

Baptizados

«O carácter do Baptismo assinala-vos como membros de Jesus Cristo. Respeitai por isso também o vosso corpo, que se tornou membro de Jesus Cristo, pois que assim como um membro nunca ofende a cabeça, assim os membros de Jesus Cristo não o devem ofender a Ele que é a cabeça».

Irene Eduarda de Sá Marques, filha de Manuel Moreira Marques e de Amélia Fernandes da Cruz (Lisboa) residentes no lugar da Estrada, foi baptizada a 19/10.

Alfredo Eiras Novo, filho de José Narciso Novo e de Maria Gonçalves Eiras residentes no lugar do Monte, foi baptizado a 19/10.

Amélia da Cruz Viana, filha de António Rodrigues Meira Viana e de Emília da Cruz Viana residentes no lugar do Monte, foi baptizado a 25/10.

Maria da Conceição Barbosa da Silva, filha de Domingos Rodrigues da Silva e de Virgínia Fagundes Barbosa residentes em S. Paio de Cima, foi baptizada a 26/10.

Maria Albina de Barros Viana, filha de Manuel Martins Viana e de Maria Saleiro de Barros residentes em S. Paio de Cima, foi baptizada a 4/11.

Manuel Martinho Lapeiro Caramalho, filho de Manuel Viana Caramalho e de Olívia Pires Lapeiro residentes no lugar de Guilheta, foi baptizado a 16/11.

Casamentos

— O apóstolo dos operários na Austria, Adolfo Kolping, dizia um dia: «Sabeis vós, mães cristãs, o que me susteve no meio da corrupção do mundo? Foi ter uma mãe, bastante pobre sim, mas de tanta virtude, que nunca descobri nela nem nunca dela ouvi coisa alguma, que não me infundisse sumo respeito. E quando se aproximava a tentação, eu pensava em minha mãe e o tentador fugia para longe de mim. Só depois da sua morte é que soube apreciar aquele tesouro; só então é que senti no coração quanto devia às suas orações. Se hoje estou aqui e não me deixei vencer nos perigos a ela o devo».

Ah! se todos os filhos pudessem fazer igual elogio das suas mães, como o mundo seria melhor.

No dia 18 de Outubro realizaram-se na igreja paroquial os seguintes casamentos:

Amâncio Meira Rolo e Adelaide Sá Gonçalves, da Torre, ambos do lugar de Guilheta;

Manuel Meira Laranjeira e Maria Celina Viana da Cruz, ele do lugar de Belinho e ela de Azevedo;

Mário Alves Meira, funcionário da Caixa G. de Depósitos em Lisboa e Marieta Torrinhos Corte Real residente no lugar de Azevedo.

Amândio Afonso Sampaio casou por procuração com Rosa da Cruz Saleiro, no dia 12 de Novembro.

Felicidades e bençãos de Deus.

Doentes

«Depois da vinda de Cristo, fomos livres não do mal de soffrermos, mas do mal de soffrermos inutilmente».

O soffrimento é um mistério, mas um mistério de vida.

Ao sair do hospital um aviador francês dizia: «Não estou curado. Curar-me-ei algum dia? Uma só coisa desejo: que se faça, meu Deus a vossa Vontade santíssima. Nela encontrarei sempre, força, felicidade, vitória!»

No dia seis deste mês foram operados os seguintes doentes:

Floriano Pereira de Barros, ao estômago e pâncreas;

Fernando Lanhoso Mota Ferreira, apendicite;

Domingos de Azevedo Neiva, úlceras no estômago;

Olívia Rodrigues Sampaio, apendicite;

Os dois primeiros foram operados no Hospital de Esposende e os dois últimos no Hospital de Barcelos.

Tudo correu muito bem e as melhoras são rápidas.

Partiram...

Depois de quatro meses passados na terra natal, regressaram a Lisboa o Ex.^{mo} Sr. João Correia de Oliveira e Ex.^{ma} Esposa Sr.^a D. Maria Cândida a quem a freguesia muito deve, pois, a todos atende e a todos procura ajudar com seu valimento.

Deus os ajude e conserve por muitos anos.

Carta para muito longe...

(Continuação da 1.^a página)

podermos estar descansados quanto à sua saúde. E agora receba muitos cumprimentos de todos os nossos vizinhos. O Senhor Reitor também anda sempre a dizer que lhe mande cumprimentos: vão agora.

Da mãezinha e de mim aceite muitos abraços e saudades. Adeus, até à volta do correio. Abençoe este seu filhinho que nunca o esquece.